

Estudos missioneiros: Temas e abordagens

Ernelo Schallenger^{1*}

1. Introdução

Muitas das visões que precedem do desenvolvimento impiedoso da globalização, isto é de fazer o próprio cada vez mais comum, buscaram encontrar no local e nas suas relações com o regional uma investida contra o processo de homogeneização. Quer dizer, a intenção de construir conhecimentos que pudessem superar as generalizações do senso comum e das descontinuidades históricas motivou estudiosos e pesquisadores em torno da produção científica e do seu debate em eventos multidisciplinares, cujos resultados foram traduzidos nos Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros. A tendência de fazer valer o próprio frente ao que é comum a todos se apresentou, assim, como forma de re-valorizar a identidade. A América Latina, que é resultado de um processo de miscigenação étnico-cultural, se há o que a caracteriza é a diversidade e a pluralidade. Nesta diversidade, as relações e as construções que se desencadearam no território simbólico dos Guarani da região do Prata apresentaram-se como objeto próprio de investigação.

Os estudos missioneiros mereceram um aporte sistemático e científico de expressão singular a partir da organização dos onze Simpósios Nacionais, realizados de 1975 a 1995, sob os auspícios da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco de Santa Rosa, dos quais resultou um número igual de volumes de anais.

¹ * Dr. em História; Docente do CCHS e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio; Pesquisador da Fundação Araucária; Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Fronteiras e Desenvolvimento Regional e membro do Grupo de Pesquisa Referências Agrárias.

A apresentação dos temas e problemas, concebidos em torno de eixos temáticos, se caracterizou pela transversalidade e pelas mais variadas formas de abordagem.

A presente exposição busca, a partir da reunião dos textos publicados em conjuntos temáticos, construir uma síntese dos temas e problemas desenvolvidos, a fim de possibilitar a apreensão dos conteúdos e a leitura das tendências que marcaram os estudos missioneiros a partir dos eventos em referência.

2. Os primitivos habitantes – um a apreensão multidisciplinar

No universo plural dos primitivos habitantes da América Latina, os Guarani constituíram território nas regiões contíguas à bacia do Prata a partir de um longo processo migratório, que partiu da região amazônica e do litoral atlântico e pode ser acompanhado através das diferentes fases da tradição cerâmica Tupiguarani e da sua relação com as diversas situações de contato com outros povos². Essas situações de contato, observadas no ambiente do complexo panorama lingüístico-etnográfico, promoveram fracionamentos tribais, mestiçagem e novos fatos lingüísticos³.

Os guarani, observados na perspectiva focal e dos ambientes ecológico e cultural do sul do Brasil e regiões vizinhas, construíram os seus diferentes modos de vida, caracterizando-se como os colonizadores mais efetivos da floresta subtropical. Passaram a ser expostos e transformados, no entanto, em combustível de uma 'plantation' periférica, ou objetos do interesse dos impérios coloniais, do que resultou um profundo processo de mestiçagem e de dispersão, sem nenhum projeto que os pudesse entusiasmar⁴.

² José Proenza BROCHADO, *Desenvolvimento da tradição cerâmica Tupiguarani – AD 500-1800*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros – A Experiência Reducional do Sul do Brasil*, Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1975, 76-155.

³ Erasmo d'Almeida MAGALHÃES, *O Tupi do litoral*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros – Montoya e as reduções num tempo de fronteiras*, 1985, 151-166.

⁴ Pedro Ignácio SCHMITZ, *Os primitivos habitantes do Rio Grande do Sul*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, 1977, 50-60; *Idem*, *O Guarani no Rio Grande do Sul: a colonização do mato e as frentes de expansão*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros-As reduções na Época dos Sete Povos*, 1979, 55-73.

A relação dos Guarani com outros grupos, a exemplo dos Minuanos e Charruas da Banda Oriental do Uruguai, permite um diagnóstico mais acurado das formas de assentamento e do seu padrão de abastecimento, em face do que torna-se possível uma aproximação maior da sua relação com as frentes de expansão⁵. Neste sentido, a horticultura como elemento material da sua cultura torna-se referência para a sua integração ou subjugação ao processo de conquista e colonização⁶. Representou, da mesma forma, um elemento central para a implementação das missões⁷. As informações etnográficas acerca dos Gualacho e dos Guaianá permitem identificar o seu habitat, caracterizado pelas matas de araucária dos planaltos paranaense e rio-grandense, onde produziram as suas condições existenciais e passaram a ser expostos às frentes de colonização⁸.

O estudo dos enclaves nas diferentes regiões platinas permite evidenciar que o território Guarani não era homogêneo em termos demográficos. A demografia etnohistórica revela que o movimento da população guarani era fortemente vinculado à fertilidade dos solos. A densidade demográfica encontra aí, também, a sua explicação primeira. Esta dimensão ecológica, observada por Meliá, permite, pela leitura e interpretação das fontes documentais da época das primeiras entradas coloniais, uma aproximação da estrutura da população guarani da Província do Tape⁹.

No Guairá a população guarani pode ser analisada em face de três ciclos: o encomendeiro, o missionário e o bandeirante. No primeiro ciclo, onde eram nítidos os interesses da colonização pela integração da força do trabalho, a documentação aponta para cifras que indicam a existência de 300.000 índios na região. A demografia do ciclo jesuítico, intimamente relacionada com o processo reducional e ao espaço missioneiro, aponta para um contingente de

⁵ Ítala Irene Basile BECKER e Juana Paris CABEY, *Índios da Banda Oriental do Uruguai: os Minuanos e Charruas*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 61-76.

⁶ Ítala Irene Basile *O Guarani no tempo da conquista*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros – Missões Jesuítico – guaranies: cultura e sociedade*, 1987, 280-294.

⁷ Ítala Irene Basile BECKER, *Algumas informações sobre as missões entre os primitivos habitantes da Antiga Banda Oriental do Uruguai*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros – o espaço missioneiro*, 1983, 105-118.

⁸ Bartolomeu MELIÁ, *Informação etnográfica e histórica sobre os Kaingang do Rio Grande do Sul*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 173-183.

⁹ Bartolomeu MELIÁ, *Demografia do Tape: uma evolução*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, A população missioneira*, 1981, 45-57.

aproximadamente 50.000 índios. A ação bandeirante no Guairá teria absorvido, entre índios reduzidos, encomendados e independentes, 60.000 indivíduos, contribuindo substancialmente com o seu despovoamento¹⁰.

A etnografia missioneira caracteriza-se, sobretudo, como antropologia aplicada pelos jesuítas nas reduções. A redução, enquanto política colonial utópica e pastoral missioneira traduz, a sua maneira, o encontro histórico de sistemas, embora limitada em certos aspectos, oferece informações de valor único¹¹.

3. O modelo reducional

O modelo reducional encontra referências que vão desde as construções utópicas até as mais variadas aproximações de estatutos e formas de organização social pré-existentes ou formações sociais pós-existentes.

A historiografia missioneira evidencia posições divergentes, pelas quais as capitaneadas por Serafim Leite se fundamentam nas experiências das aldeias brasileiras, enquanto que os seguidores de Pablo Hernandez recorrem às doutrinas espanholas de Juli. Rabuske argumenta que o modelo inicial das reduções se inspirou nas doutrinas de Juli e que se orientou pelas diretrizes emanadas dos concílios limenses, que definiram a organização eclesiástica da América espanhola¹². Para além das indicações dos concílios limenses, e ao mesmo tempo associado às experiências de Juli, há posições que defendem as raízes do coletivismo incaico presentes no modelo das reduções¹³.

O estatuto básico da definição do sítio missioneiro, da organização dos povoados e das relações internas e externas das reduções foi, segundo Rabuske, a “Carta Magna das reduções do Paraguai”, pela qual o P. Diego de Torres Bollo

¹⁰ Bartolomeu MELIÁ, *População do guarani do Antigo Guairá, na história primeira – 1541-1632*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 77-104.

¹¹ Bartolomeu MELIÁ, *Os Guarani na etnografia missioneira do século XVII*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 113-117.

¹² Artur RABUSKE, *Doutrina de Juli, do Peru, como modelo inicial das reduções do Antigo Paraguai*, in *A Experiência Reduacional do Sul do Brasil*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1975, 10-38; Idem, *O modelo das reduções jesuíticas: brasileiro ou peruano*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 87-98.

¹³ Rui RUSCHEL, *Raízes incaicas do coletivismo missioneiro*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 233-236.

dá aos missionários dos guaranis do Paraguai as instruções para a sua ação evangelizadora e civilizadora¹⁴.

No seu sentido mais profundo e para além da formulação de modelos pré-existentes, as reduções significaram um espaço de assunção ou de potencialização das realidades culturais guaranis ou da sua substituição por estruturas análogas¹⁵. É aí que reside o sentido da utopia, forjado a partir do fenómeno histórico das missões jesuítico-guaranis, que desacredita os modelos ideais associados às reduções, inspirados na complexidade do gênero literário e na diversidade dos seus conteúdos¹⁶.

Se as reduções representaram, para Meliá, um espaço de assunção ou de potencialização das realidades culturais guaranis, para Kern a sua organização política, no tempo dos Trinta Povos, deve ser lida, antes de tudo, como uma obra de circunstâncias numa situação de fronteira, originada de uma efetiva adaptação da legislação e dos costumes espanhóis à cultura dos guaranis. A utopia missioneira existiu inscrita no processo histórico que a criou, segundo a apreensão de Kern, uma vez que, ao pretender para os indígenas guaranis um espaço de liberdade no mundo colonial ibero-americano, estas povoações transformaram-se numa utopia¹⁷.

Modelos teoricamente forjados partem da análise da situação precária em que viviam os guaranis antes da conquista e deduzem que os impactos por eles sofridos na conquista os tornaram susceptíveis a formação de uma base social com elementos socialistas: propriedade, gestão e apropriação comuns¹⁸. A tentativa de encontrar conceitos contemporâneos de planeamento urbano para caracterizar a organização dos povoados missioneiros¹⁹, ou hipóteses amparadas na experiência histórica das missões e confrontadas com as políticas

¹⁴ Artur RABUSKE, *A Carta Magna das reduções do Paraguai*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 171-187.

¹⁵ Bartolomeu MELIÁ, *As reduções jesuíticas do Paraguai: um espaço para a utopia colonial*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 188-189.

¹⁶ Arno Alvarez KERN, *Utopia e missões*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1989, 20-33.

¹⁷ Arno Alvarez KERN, *Modelo político das missões jesuíticas*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 15-25.

¹⁸ Décio FREITAS, *Socialismo Missioneiro*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 26-47.

¹⁹ Vera MIORIN, *Determinação do sítio urbano nas reduções*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1975, 156-166.

indigenistas contemporâneas têm pouca consistência científica e não dão conta da complexa organização dos povoados missioneiros²⁰.

4. As experiências reducionistas

No contexto da conquista e da colonização da região platina, o Guairá pode ser considerado de importância estratégica para a projeção dos interesses coloniais, notadamente no que se refere à incorporação da força de trabalho indígena²¹. Região de encontro de dois colonialismos, a organização do espaço missioneiro deve ser associada à fixação da *encomienda* e ao movimento bandeirante. As missões tiveram no início uma certa cumplicidade em relação ao índio, mas na dialética dos interesses passaram a ter caminhos desencontrados²². Os interesses dos colonialismos projetados sobre o espaço missioneiro do Guairá eram, no entanto, mais fortes do que o aporte defensivo das missões, o que fez com que suas fronteiras fossem deslocadas²³.

Como no Guairá, as reduções implementadas no Tape, marcadas pelo vigoroso trabalho apostólico do P. Roque González, tiveram o seu processo estancado pelas invasões bandeirantes²⁴.

A Província do Itatim, apresentada por Gadelha como a mais isolada e pobre do Paraguai e vista como porta de entrada do Peru, para onde se orientavam os olhares mercantilistas, era detentora de um potencial significativo de força de trabalho e passou a ser disputada pelos encomendeiros, jesuítas e bandeirantes²⁵.

²⁰ Egon SCHWADE, *Organização social, política e econômica das missões*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1975, 39-50.

²¹ Regina Maria d'Aquino Fonseca GADELHA, *A presença dos jesuítas no Guairá*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1981, 82-90.

²² Danilo LAZZAROTTO, *Encomendas e povos das missões*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1977, 42-49.

²³ Antônio Augusto FAGUNDES, *Os jesuítas em Assunção e no Guairá*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1979, 120-128.

²⁴ Danilo LAZZAROTTO, *As primeiras reduções do Rio Grande do Sul*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1975, 33-38.

²⁵ Regina Maria d'Aquino Fonseca GADELA, *As missões do Itatim: modelo sócio-econômico*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1979, 147-160.

Num sentido mais apropriado, as bandeiras alimentaram interesses e ações dialeticamente opostos aos projetados pelos jesuítas em relação à redução dos índios²⁶. Estratégicas para a expansão do território luso, elas desafiaram os jesuítas a pensar o espaço missioneiro a partir da integração do território Guarani. Neste sentido, as reduções passaram a ser instituições de fronteira, integradas espacialmente por uma rede de complementaridades²⁷.

5. O espaço missioneiro

O espaço entendido, enquanto expressão da sociedade e variável de análise histórica das práticas sociais, passou a integrar os temas de convergência dos Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros. O espaço missioneiro é o ambiente ecológico e cultural sobre o qual se projetou o trabalho de evangelização. Neste ambiente, estabeleceu-se um campo de poder, pelo qual os jesuítas, na sua relação com os índios, passaram a exercer um certo controle sobre o espaço, produzindo o território das missões, que coincidiu muito proximamente com a antiga territorialidade simbólica Guarani.

Se as evidências históricas e geográficas constituem objeto e método para o estudo da cartografia missioneira, os conceitos espaço e tempo representam categorias essenciais para a compreensão da organização interna das reduções e sua relação com o espaço externo²⁸. A relação entre espaço natural e espaço ecológico do índio permitem à cartografia desenhar aproximações, que fundamentadas na documentação histórica evidenciam o alcance da construção, destruição e reconstrução do espaço missioneiro, tendo presente os movimentos de fronteira,

²⁶ Artur RABUSKE, *As bandeiras paulistas, de 1580-1640*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 111-126.

²⁷ Moacyr FLORES, *As bandeiras no Guairá e no Tape*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 129-137.

²⁸ Mauro Luiz KLAFKE, *O espaço missioneiro*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 271-277, Miriam GAZZETA, *Cartografia jesuítica das missões do Tape e dos Sete Povos*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 265-270 e Moacyr FLORES, *Espaço e tempo nas reduções jesuíticas*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, Missões: a questão indígena*, 1997, 224-242.

da formação dos estados nacionais e da colonização²⁹. Na perspectiva dinâmica do espaço, as migrações de fronteira e as frentes de povoamento concorreram, de forma mais expressiva, para a desconstrução do espaço missioneiro³⁰.

6. A organização das missões: propriedade e trabalho

A relação entre meios de produção e forças produtivas definiu, nas reduções, relações de trabalho que deram ao espaço missioneiro um sentido próprio. Dessa relação resultou uma experiência ecológica acumulada, onde o bosque, a pecuária e a agricultura não eram rivais, mas complementares, sobretudo porque a intervenção na natureza era oportuna no tempo, na forma e no lugar, o que ficou acumulado ao longo dos 160 anos de reduções³¹. O sistema de organização das propriedades nas reduções pode ser observado através das cédulas reais de 1565, 1598 e 1743 e a partir delas é possível analisar a estrutura e as funções das unidades econômicas concedidas à família nuclear, de onde derivaram os bens particulares, e às unidades de produção coletiva e dirigida, de onde provinham os bens comuns³².

O trabalho guarani enquanto indígena teve transformação de suas formas e de seu sentido com a entrada colonial. Com as encomiendas o trabalho indígena foi convertido em serviço pessoal, isto é, passou a servir os espanhóis. Embora havendo certa insatisfação dos missionários em torno do trabalho dos indígenas, reconheciam neles, no entanto, qualidades agrícolas que garantiam uma certa abundância alimentar para as reduções. O trabalho original entre os Guarani compreendia a prática da colaboração, onde vários indivíduos se juntavam

²⁹ Luís Carlos BACHI e Ivanira FALCADE, *O espaço do índio na Província Jesuítica do Paraguai antes das reduções*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1989, 34-44; *Ibidem*, *Re-visão da cartografia missioneira dos séculos XVII e XVIII*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 156-161, *Idem*, *A cartografia da ocupação européia no espaço platino*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, A experiência missioneira: marco histórico para a integração latino-americana*, 1994, 401-417.

³⁰ Jane E. AITA, *A incorporação do espaço missioneiro no século XX*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 223-231.

³¹ Rafael CARBONELL, *Reduções jesuíticas: uma experiência ecológica acumulada*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1989, 227-232.

³² Paula Callefi GEORGIS, *Propriedades e manutenção das reduções jesuíticas com os índios Chiquitos*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 168-181.

para executar tarefas em comum, como as de fazer roçados – *Potyrõ*. Meliá destaca que sem reciprocidade não se entende o trabalho guarani. Afirmo que ele representa uma forma de reproduzir o dom, através do qual se produzem as condições materiais de existência e, pelo qual, o modo-de-ser guarani se faz ideal e formalmente³³.

A estigmatização negativa da capacidade de trabalho e de planejamento dos índios estabelece uma dicotomia entre a justificativa ideológica da ação secular e os valores do cristianismo, pelos quais é possível inferir que «o estado da natureza não é algo a ser superado, mas almejado na ótica cristã»³⁴.

O trabalho constituía-se em importante ferramenta para a evangelização. Os jesuítas, ao considerarem o indígena homem na qualidade de pessoa que se dignifica pelo trabalho, converteram-no em ferramenta para a evangelização³⁵. Enquanto instrumento mediador para a construção da nova espacialidade, o trabalho, observado a partir das habilidades horticultoras dos guaranis, tornou-se para as missões e para as frentes de ocupação um fator de atração. Os efeitos dessa atração resultaram num processo de redução da mão-de-obra indígena, de sua submissão ao serviço pessoal e de captura, diante do que as missões passaram a ser expressão da política de defesa do índio³⁶.

Nas missões, a complexificação das funções sociais e a perspectiva religiosa de considerar os homens mediadores da disposição natural dos bens e os fins a que eles se destinam – a maior glória de Deus – associou à generosidade e à cooperação um maior sentido de profissionalização. O fazer e a satisfação de fazer conjugavam sentimentos e habilidades pessoais com expectativas e representações coletivas³⁷. A complexificação das atividades nas reduções permitiu um certo nível de profissionalização com a introdução de ofícios nos campos

³³ Bartolomeu MELIÁ *Potyrõ: a questão do trabalho indígena guarani*, *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, *op. cit.*, 1989, 295-326.

³⁴ José Otávio Catafesto de SOUZA, *Análise do discurso missionário: o caso da indolência e da imprevidência dos índios*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, *op. cit.*, 1989, 103-123.

³⁵ Graciela BLASI, Stela Maris PALERMO, *Em busca de um conceito de trabalho nas reduções*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, *op. cit.*, 1989, 241-244.

³⁶ Erneldo SCHALLENBERGER, *Missões jesuíticas e escravidão indígena*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, *op. cit.*, 1987, 142-162.

³⁷ Erneldo SCHALLENBERGER, *Missões: trabalho e evangelização*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, *op. cit.*, 1989, 9-19.

da metalurgia, da cerâmica e da modelação madeireira. As atividades têxteis tiveram, neste sentido, significado particular³⁸. O cotidiano das reduções motivou a construção de relações que evidenciaram influências recíprocas da medicina e da farmacologia européia e indígena e estabeleceram uma interface entre a medicina mística e a racional, bem como nos hábitos alimentares³⁹.

Por outro lado, não se pode descuidar que o trabalho e a produção nas missões estiveram inseridos numa complexa estrutura administrativa e contábil que previa reservas e intervenções para garantir a sua sustentabilidade⁴⁰.

Pelas cédulas reais e documentos da época é possível depreender que o trabalho dos guaranis das missões adquiriu importância para além do espaço missioneiro. Foi requisitado para a defesa e o incremento da governação de Buenos Aires, a partir do que sua integração nas atividades econômicas teve particular expressão na navegação do Prata⁴¹.

O sítio missioneiro esteve integrado por uma malha viária e todo o seu aparato pode ser equiparado a uma vila do século XVII. A existência de estabelecimentos de campo, de silos, currais, abatedouros ou açougues, amassadores de barro, entre outros, dão a dimensão do complexo sistema administrativo missioneiro, tanto urbano quanto agro-pastoril⁴².

As estâncias e as vacarias tiveram lugar especial para o abastecimento das reduções. Valorizaram o trabalho corporativo e representaram um fator de integração do espaço missioneiro. A melhor delimitação da área de pastoreio representou a base para o posterior desenvolvimento da pecuária nas missões

³⁸ Beatriz dos Santos LANDA e Francisco Silva NOELI, *Introdução das atividades têxteis guaranis*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 472-478.

³⁹ Nora Inês ECHENIQUE, e Miriam Mabel FERREIRA, *A medicina nas reduções jesuíticas*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 251-262, Idem, *Alimentação e da saúde nas reduções*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 235-252.

⁴⁰ Rafael CARBONELL, *Organização administrativa e contabilidade nas reduções guaranis*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 133-150.

⁴¹ Eduardo NEUMANN, *A participação guarani missioneira na vida colonial rio-platense*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 487-496 e *A atração guarani missioneira na Buenos Aires*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 407-431.

⁴² Fernando LA SALVIA, *Remanescentes das atividades agro-pastoris no espaço missioneiro*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 195-215, Esteban Angel SNIHUR, *Relevamiento de los establecimientos de campo aldeanos a la reducción de Apostoles*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 246-254.

guaranis, embora esta atividade tenha gerado problemas de convivência entre índios missioneiros, infieis, portugueses e espanhóis⁴³. A pecuária missioneira deixou a base para a formação posterior de uma economia subsidiária no contexto da sua inserção nas economias nacionais⁴⁴. As estâncias e vacarias missioneiras podem ser referidas como espaços de constituição das bases sócio-econômicas da sociedade pastoril, de modo particular da uruguaia⁴⁵.

7. A religião, a linguagem e a pedagogia da evangelização

Uma postura analítica, centrada na índole religiosa e nos elementos fundantes da mitologia Guarani, permite depreender que a interação mais intensa e intensiva entre a cultura guarani e cristã se deu no tempo das reduções, onde ocorreram significativas trocas simbólicas. Fiel às suas tradições, os elementos culturais de origem estranha são reinterpretados até a fase em que se instala um conflito de valores, ao que sobrevém a ruína da religião e da ordem social guarani⁴⁶. O aculturamento religioso das populações indígenas não se deu sem conflitos⁴⁷. Ele compreendeu um processo de desconstrução simbólica que destituiu os pajés enquanto guardiões da tradição e da transmissão de mitos e crenças que davam coesão aos grupos tribais guaranis. Funções que foram assumidas pelos missionários e que colocaram em evidência as diferenças entre a palavra guarani e a linguagem cristã⁴⁸. Para superar essas diferenças o educador jesuíta

⁴³ Rafael CARBONELL, *A origem das vacarias dos povoados de Tapes e Guaranis na Banda Oriental do Uruguai*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1989, 167-202.

⁴⁴ Moacyr FLORES, *As vacarias e as estâncias missioneiras*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 107-112 e Loraine GIRON, *Pecuária: fator de integração do Rio Grande do Sul*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, 1977, 99-106.

⁴⁵ Maria Isabel Artigas de REBÉS, *Trabalho indígena: a redução de Yapejú e suas vacarias*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1989, 251-256.

⁴⁶ Egon SCHADEN, *A religião guarani e o cristianismo*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1981, 13-37.

⁴⁷ Regina Maria d'Aquino Fonseca GADELHA, *Guarani: cultura e conflito*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 67-81.

⁴⁸ Graciela CHAMORRO, *A boa palavra da cruz: a mística guarani e a linguagem cristã*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 466-480; Moacyr FLORES, *Magia indígena e conflito com a apologética dos jesuítas sobre o cristianismo*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1981, 38-44.

e o educando guarani eram desafiados por métodos pedagógicos de interlocução cultural que exigiam adaptações para que os índios abandonassem boa parte dos seus costumes e aderissem ao cristianismo⁴⁹. Nas práticas pedagógicas, desenvolvidas no ensino escolar, na música, na dança e nas artes cênicas, os jesuítas valeram-se de recursos de expressão simbólica, onde a imprensa representou verdadeiro monumento cultural na conquista do Paraguai⁵⁰.

Os índios da família tupi-guarani se guiavam pelos sonhos. Nas reduções, pela apreensão etnohistórica de Meliá, o Guarani não deixou de sonhar, mas não sonhou mais como Guarani, uma vez que linguagem e símbolos passaram a obedecer a categorias de um sistema que não eram mais as do seu tradicional⁵¹. A produção linguística missionária, em sua exploração textual, revela a importância do conhecimento da língua indígena para a compreensão de um novo mundo idéias, de representações e de relações⁵².

No espaço missioneiro, os vários e dispersos povos começaram a estabelecer-se em unidades maiores – reduções -, onde havia falantes de várias línguas que foram reduzidos a uma geral [*guarani* no Paraguai, *quéchua* no Peru, *nahualt* no México,...]. As línguas vernáculas, contestadas pelas autoridades coloniais enquanto gerais uma vez que pretendiam impor o espanhol, representaram importantes instrumentos para infundir a cultura cristã⁵³. Se a língua, enquanto experiência mística na direção da formação de uma nova cristandade, expressa uma face da dialética das contradições existentes entre a catequese missionária e a conquista do espaço indígena, em nenhum momento traduziu a tentativa da construção da hegemonia das reduções no conjunto das relações do mundo

⁴⁹ Artur RABUSKE, *O modelo educacional das Reduções Jesuíticas*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1981, 58-79, e Luís Fernando RODRIGUES, *Pedagogia missionária dos jesuítas nas reduções*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1981, 169-183.

⁵⁰ Olinda Massare KOSTIANOWSKI, *Manifestações culturais nas reduções jesuíticas*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1987, 82-95.

⁵¹ Bartolomeu MELIÁ, *A linguagem de sonhos e visões na redução guarani*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1987, 9-21.

⁵² Erasmo d'Almeida MAGALHÃES, *Colonização, evangelização e língua*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1989, 48-61.

⁵³ Andrés A. PEREZ DIEZ, *Jesuítas e Moxos*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1989, 62-74.

colonial⁵⁴. Ela traduziu, sobretudo, a expressão dos diferentes olhares projetados sobre os índios a partir da ótica do colonizador e do missionário, retomados nos discursos integracionista e indignista⁵⁵.

A perspectiva apologética cristã e a abordagem histórica a partir do imaginário indicam para o discurso missionário, onde a presença do diabo se faz como dialeticamente necessária para justificar o árduo e ininterrupto esforço missionário e como substrato ideológico para toda a sorte de medidas repressivas. O diabo e sua intervenção no mundo legaram um rígido código ético que mediava a ação humana, tomada pela angústia do juízo final⁵⁶. As associações ao demônio e ao pecado permeiam os escritos da época, que decodificados, revelam a percepção do erótico feminino guarani em íntima relação com os preceitos e conceitos da cultura cristã, que davam aos missionários os limites da luxúria e aos colonizadores os gostos do pecado⁵⁷.

A questão do gênero encontra expressão no estudo do papel da mulher guarani na organização tribal e as vicissitudes por ela sofridas no tempo da conquista. A mulher guarani não foi um elemento passivo e facilmente manipulável pelos europeus, mas foi decisiva para a manutenção dos costumes tribais, a exemplo da poligamia⁵⁸.

Arauto da restauração, assim definido por Flávio de Campos, Vieira concebia o papel do Estado português imbuído de uma missão salvífica, que se consagraria a partir do estabelecimento de uma ordem hierárquica no sentido religioso do termo⁵⁹. Os tipos sociais do negro, do judeu e do índio, são focados

⁵⁴ Moacyr FLORES, *A catequese dos guaranis e os conflitos coloniais*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1989, 75-84.

⁵⁵ Erneldo SCHALLENBERGER, *Missionarização e indignidade*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 197-204.

⁵⁶ Carlos Roberto NOGUEIRA, *O diabo está solto! A ação das ordens mendicantes ao final da Idade Média*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 311-325.

⁵⁷ Moacyr FLORES, *O gosto do pecado: a sensualidade das índias guaranis*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 326-340.

⁵⁸ Ana Díaz de GUERRA, *Mujer sinónimo de vida*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missionários – As missões depois das missões*, op. cit., 1977, 162-168; Beatriz S. LANDA, *A mulher guarani nas Cartas Anuas: tornando visível o invisível*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 481-488.

⁵⁹ Flávio de CAMPOS, *Política e utopia em Antônio Vieira*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 261-281.

por Vieira a luz da reinterpretação da Bíblia e da existência de um povo para consumir a vontade divina na terra⁶⁰.

A análise comparativa entre a colonização espanhola e portuguesa é uma recorrência metodológica salutar para o estudo do processo da evangelização⁶¹, apesar das insinuações que dão conta de um possível antagonismo entre jesuítas portugueses e espanhóis acerca desse espaço missional, derivando a partir dele a manifestação da oligarquia crioula contra a autoridade régia e a presença dos jesuítas⁶².

8. Arte e evangelização

A partir do testemunho dos remanescentes da escultura e da arquitetura missioneiras torna-se possível restabelecer a memória das reduções jesuíticas na bacia do Rio da Prata. Toda a simbologia imbricada na representação materializada indica para o lugar central da evangelização na organização do espaço missionário⁶³. Os símbolos expressos pela arquitetura jesuítica tiveram destacada importância em função da prédica e dos ritos litúrgicos⁶⁴. Neste sentido, os artesãos, que eram indivíduos seletos e qualificados para a igreja e para a comunidade, contribuíram significativamente com elementos diversificantes da comunidade reducional⁶⁵.

As múltiplas faces da expressão artística permitem a construção de uma relação dialética entre mentalidades, que prenes do medievo se cruzam com o moderno, pela incorporação de elementos renascentistas, e vêem-se numa

⁶⁰ José Carlos Sebe Bom MEIHRY, *A catequese segundo os sermões de Vieira*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 250-260.

⁶¹ Regina Maria d' Aquino Fonseca GADELHA, *O impacto da evangelização: elementos para uma análise comparativa da colonização espanhola e portuguesa*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 28-58.

⁶² Maria Angélica SOLER, *Metrópole, colonos e jesuítas à procura de uma política de equilíbrio*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 182-193.

⁶³ Dalton SALA JR, *Função retórica da arte no processo de catequese*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1989, 89-102.

⁶⁴ Jorge RODRIGUES, Jorge, *Colégios jesuíticos em Portugal: do discurso à utilidade*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 282-289.

⁶⁵ Juan VILLEGAS, *Os artesãos nas reduções*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1987, 22-43.

fronteira onde o contato com a cultura do índio toma expressões simbólicas⁶⁶. A arquitetura missioneira, de modo particular, não deve ser lida como a memória ou a representação de alguns aspectos do habitat originário dos grupos étnicos tupi-guaranis, mas como uma nova e complexa identidade, definida por um contexto de significação diferente da aldeia indígena⁶⁷. Traços definidores devem ser associados à presença de artistas, escultores e arquitetos, como Brusaneli, que criou sínteses originais que representaram pontes entre diferentes culturas do seu tempo⁶⁸. Estes aspectos, postos diante das crônicas da época, tornam a investigação da arte missioneira instigante⁶⁹.

O desenvolvimento das diferentes expressões da arte é relacionado por Mc Naspy ao processo de evangelização dos indígenas. A música ocupou um lugar vital nesse processo⁷⁰. Os jesuítas, e exemplo do P. Sepp, não escondiam suas preferências musicais para a ação evangelizadora e a educação musical dos índios das missões⁷¹.

A arte encontrou lugar de expressão maior nas festas missioneiras, onde através dos rituais, das encenações e dos recitais foram manifestados elementos internalizados de uma simbiose cultural resultante do processo de conversão dos índios das missões⁷².

⁶⁶ Dalto SALA JR, *Arte e sociedade nas reduções da bacia do Prata*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 44-66; Idem, *Artes plásticas nas reduções: alguns aspectos teóricos*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros – As missões depois das missões*, 1991, 78-82.

⁶⁷ Norbert R. LEVINTON, *Presença indígena na arquitetura das missões*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 499-511.

⁶⁸ Bosidar Darko. SUSTERSIC, *Irmão José Brusaneli e as possibilidades de uma reconstrução da sua trajetória biográfica e artística*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 541-555.

⁶⁹ Bosidar Darko SUSTERSIC, Estela AULETTA e Cristina SEVENTI, *La crónica del desplome y la reconstrucción de la cúpula de Trinidad*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 512-540.

⁷⁰ Clement Mc NASPY, *As belas Artes no espaço missioneiro*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 184-187.

⁷¹ Décio ANDRIOTTI, *Compositores do P. Sepp*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 351-359; Idem, *Discografia de Sepp, na busca de probabilidades*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 297-310.

⁷² Moarcí Matheus SEMPÉ, *As festas reais de São Borja em 1760*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 135-155 e Jaime ALMEIDA, *Festa missioneira*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 341-350.

Inócua é a especulação em torno da existência de elementos musicais indígenas que sustentem a pretensa música missioneira. A incursão na arte e na arquitetura missioneira alimenta, por seu turno, as lendas e o folclore do Sul, mantendo uma certa mística em torno da experiência dos jesuítas com os Guarani nas reduções⁷³.

9. Velhos e novos mundos – as missões e as fronteiras coloniais

As fronteiras do território simbólico dos Guarani estiveram voltadas para fora, isto é, para um universo que lhes abria sempre mais possibilidades de circulação. Da mesma forma, o território das missões resultou da projeção da Província Jesuítica do Paraguai e do Colégio de Assunção na direção dos espaços missioneiros do Guairá, do Tape e do Uruguai, do Itatim e dos Moxos e Chiquitos do oriente boliviano. Na medida em que os interesses do colonialismo passaram a exercer pressão sobre o espaço e a atuação do Estado começou a exigir o controle das fronteiras, foram sendo forjados os limites dos territórios. As próprias reduções, associadas ou não aos interesses de Estado, passaram a assumir o caráter de instituições de fronteira.

A fundação da Colônia do Sacramento e a reconstrução do espaço missioneiro das missões do Uruguai e do Tape, situaram-se no ambiente de fixação de fronteira. A presença portuguesa no estuário do Rio da Prata e a posterior fundação de cidades coloniais na região, por espanhóis e portugueses, podem ser entendidas a partir da tentativa de fixação de território e da garantia da implementação de um comércio de exportação de excedentes produzidos nas regiões adjacentes⁷⁴. As fortificações catarinenses foram construídas, neste sentido, para marcar a presença dos portugueses na região, a fim de exercer o

⁷³ Moarcí Matheus SEMPÉ, *A música entre os guaranis antes dos jesuítas*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 190-195, CAMBIRERA, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 208-220, Carlos Galvão KREBS, *História, Arte e Folclore dos Sete Povos*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 138-146.

⁷⁴ Moacyr FLORES, *A Colônia do Sacramento e sua relação com as missões*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1981, 102-110.

controle da entrada e saída de embarcações, e serviram de ponto de apoio militar e de presídio no processo de fixação territorial do sul⁷⁵.

A reintegração do espaço das missões orientais do Uruguai, com os Sete Povos, não pode ser visto, apenas, sob a ótica da consolidação das fronteiras coloniais espanholas. Constituída a partir do povoado de Jesus Maria do Guenoas, a fundação da redução de São Borja representou o marco da retomada do poder dos jesuítas, com os índios, de um espaço que já havia comportado a sua gestão e que, através das estâncias missioneiras, esteve integrado ao território das missões⁷⁶.

A experiência missioneira em território dos Moxos e Chiquitos encontrou expressão nos movimentos migratórios daquela região de fronteira⁷⁷. O exame historiográfico e etnográfico das fontes para o estudo dos jesuítas em Moxos permite a Perez Diez caracterizar as reduções como instituições de fronteira. O contato entre portugueses e espanhóis na região teria sido, segundo o autor, um dos argumentos contra os padres no momento da sua expulsão⁷⁸. Localizadas na fronteira dos impérios espanhol e português, as reduções de Chiquitos, organizadas de 1692 a 1760, foram encomendadas diretamente ao rei da Espanha e tiveram início por solicitação dos próprios membros das parcialidades indígenas diante dos ataques bandeirantes⁷⁹. Observadas a partir da sua dimensão populacional e geográfica, algumas dessas reduções tiveram que mudar de lugar em função das incursões bandeirantes. Conduzidos de forma patriarcal pelos jesuítas, estes povoados conseguiram estruturar uma economia complexa, a partir do trabalho dirigido, o que lhes deu uma relativa estabilidade⁸⁰.

⁷⁵ Thais Luzia COLAÇO, *A contribuição das fortificações catarinenses à integração do sul do país*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 51-62.

⁷⁶ Moaraci Matheus SEMPÉ, *O oitavo povo das Missões Orientais do Uruguai*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1981, 190-196; Idem, *O Padre Francisco Garcia e a fundação de São Borja*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 165-185; Idem, *São Francisco de Borja – o primeiro dos Sete Povos*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1981, 91-101.

⁷⁷ Silvia BOLZANO, *Missionarização dos Chacabos do oriente boliviano*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 253-264.

⁷⁸ Andrés PEREZ DIEZ, *As missões de Moxos – 1682-1767 – um panorama histórico e etnográfico*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 163-183.

⁷⁹ Paula Callefí GEORGIS, *Propriedade e manutenção nas reduções jesuíticas com os índios Chiquitos*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 168-181.

⁸⁰ Ivanice Frazão de LIMA e COSTA, *Chiquitos: estrutura das Missões do oriente boliviano no século*

A atuação do Estado, no sentido de exercer o poder sobre o território, engendrou o antijesuitismo, pelo qual a razão triunfou sobre a tradição⁸¹. As reformas do Estado e a nova política para os índios visavam, sobretudo, além da fixação do território, a construção de uma nova sociedade colonial⁸². A política da integração dos índios na sociedade colonial evidenciou, no entanto, a incompatibilidade da estratégia missionária com a política das metrópoles, o que, sem dúvida, contribuiu substancialmente para a destruição do espaço missioneiro⁸³. Eram diferentes as intenções em relação aos índios e ao espaço missioneiro. Enquanto a definição e a organização do espaço missioneiro teve como foco de projeção de poder a Companhia de Jesus e Roma, as projeções do Estado visavam a soberania dentro de limites territoriais definidos⁸⁴.

A resistência dos jesuítas às intervenções externas pode ser aferida, também, para além do espaço missioneiro platino. No Brasil, na vice-província da Companhia de Jesus do Maranhão, procuravam evitar a interferência das autoridades episcopais nas suas missões, numa demonstração que os superiores da Companhia de Jesus reconheciam tacitamente que exerciam o poder temporal e espiritual das aldeias por expressa delegação da coroa⁸⁵. A perda do poder temporal das aldeias, associada à criação da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão e à cooperação nas operações de demarcação de fronteiras, constituiu-se no fator principal da expulsão dos jesuítas do Reino de Portugal⁸⁶.

XVIII, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 151-167; Idem, *Missões religiosas: um enclave jesuítico no oriente boliviano*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 581-595.

⁸¹ Júlio Ricardo Quevedo dos SANTOS, *As missões jesuítico-guaranis em tempo de despotismo esclarecido*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1991, 50-78.

⁸² Rita Heloísa ALMEIDA, *Diretório dos índios*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 401-406.

⁸³ Erneldo SCHALLENBERGER, *Povos índios e identidade nacional: o projeto missionário jesuítico e a política integradora de Pombal*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1991, 17-28.

⁸⁴ Erneldo SCHALLENBERGER, *Políticas integracionistas e a redução cultural na América Latina*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 98-106.

⁸⁵ Jorge COUTO, *As visitas pastorais às missões da Amazônia: focos de conflitos entre jesuítas e o 1º bispo do Pará*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 231-249.

⁸⁶ Jorge COUTO, *O poder temporal nas aldeias de índios do estado do Grão-Pará e Maranhão no período pombalino: foco de conflitos entre jesuítas e coroa – 1751-1759*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 321-335.

A questão das fronteiras afetou também experiências em outros espaços de evangelização. Como os missionários da Companhia de Jesus tinham uma postura supranacional, a exemplo dos jesuítas vindos da Alemanha para as missões da Califórnia, a sua identificação com os projetos nacionais não esteve no centro das atenções⁸⁷. No Reino do Chile, onde a sociedade colonial esteve condicionada por elementos fundamentais como o permanente estado de guerra e a diversificação social pelo fator étnico, a entrada da Companhia de Jesus e as missões de fronteira trataram de conquistar a mentalidade indígena, respeitando a sua personalidade cultural, e de devolver a educação no Reino⁸⁸.

10. A conquista

A conquista colonial, no seu amplo espectro, valeu-se das mais variadas formas desintegradoras das sociedades tribais, promovidas, sobretudo, pela economia mercantil de bases locais, notadamente no que se refere à exploração da mão-de-obra indígena⁸⁹. Se o Tratado de Madrid pode ser entendido, sob o ponto de vista da história política positiva, como um eficaz acordo diplomático de integração regional⁹⁰, os conflitos dele derivados tiveram, no entanto, repercussões sobre o processo de desterritorialização do espaço missioneiro, sobre a desestruturação da comunidade e da família missioneira e, por conseguinte, promoveu a transmigração dos povoados⁹¹.

⁸⁷ Johannes MEIER, *Os jesuítas do noroeste da Alemanha nas missões do México – 1750*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 356-400.

⁸⁸ Guillermo BRAVO, *As missões jesuíticas no Reino do Chile*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 136-150.

⁸⁹ Regina Maria D'Aquino Fonseca GADELHA, *A experiência missioneira: a integração e desintegração de um povo*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 27-39.

⁹⁰ Júlio Ricardo Quevedo SANTOS, *Integração do Cone Sul das coroaas ibéricas do século XVII*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 40-50.

⁹¹ Artur RABUSKE, *O Povo de São Borja, do período de 1750-1757*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 119-134, Tau GOLIN, *A Guerra Guaranítica no diário de José Custódio de Sá e Faria*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 151-164 e Rejane da Silveira SEVERAL, *A Guerra Guaranítica segundo a visão do capitão espanhol D. Francisco Grael*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 436-440.

Há quem entenda que o contrabando consentido pelos espanhóis e desenvolvido no planalto rio-grandense abriu caminho para a conquista das missões pelos portugueses, em 1801⁹². Vista sob a perspectiva geopolítica lusa em relação à região platina, a conquista não teria se movido por brasilidade, uma vez que os conquistadores fizeram causa comum com Frutuoso Rivera⁹³.

Banida a presença da Companhia de Jesus da América, pelas mais diversas razões⁹⁴, as reduções comportaram um processo de decadência, tomando-se como referência o destino dos seus bens e a nova organização territorial e administrativa desses povoados⁹⁵. O espaço missioneiro passou a ser alvo dos interesses territoriais, políticos e econômicos no contexto da formação dos estados nacionais na América Latina⁹⁶.

11. Arqueologia

Arqueologia missioneira passou a ter lugar marcado e discussão acadêmica nos Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros. Brochado, Schmitz, Becker, dentre outros, já demonstraram a importância da arqueologia para o estudo dos ambientes ecológico e cultural habitados pelas mais diferentes culturas tribais. A utilização, os modos de produção e acabamento, as formas decorativas e os usos da cerâmica entre os Guaranis são referências para o estudo do seu modo-de-ser e que a arqueologia pode trazer à luz para a história e a etnografia⁹⁷.

⁹² Moacir DOMINGUES, *A conquista das missões: um enigma histórico*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1975, 51-76 e Odete CAMARGO, *Os aventureiros das vacarias*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 418-423.

⁹³ Moacir FLORES, *A conquista das Missões*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 186-199.

⁹⁴ Moacir FLORES, *A expulsão dos jesuítas*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1975, 51-60.

⁹⁵ Laura Susana BONI e Myriam VILLAR, *Expulsão dos jesuítas das 10 missões ocidentais do Rio Uruguai*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 232-250.

⁹⁶ Alfredo J. E. POENITZ, *A última etapa da sobrevivência institucional da Província Jesuítica de Misiones – 1819-1827*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 29-41.

⁹⁷ Fernando LA SALVIA e José Joaquim Pereira BROCHADO, *Cerâmica guarani: análise e interpretação*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 193-213 e Fernando LA SALVIA, *Estudo preliminar da ocupação guarani ao longo do rio Uruguai*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1989, 269-279.

Os fragmentos da cultura material têm proporcionado aos pesquisadores indicações preciosas para o estudo dos primeiros vilarejos e das reduções, a exemplo do Guairá, bem como para referenciar os marcos históricos para a localização das tribos indígenas na época das reduções jesuíticas⁹⁸.

A localização dos sítios arqueológicos possibilita a demonstração, através dos vestígios de escavação, da contribuição da arqueologia para a história, abrindo possibilidades de processos interpretativos a partir de estágios culturais, lugares e tempos diferenciados⁹⁹. Em sítios específicos, como os da várzea do Rio Pardo, seus materiais permitem aos seus investigadores a contextualização e a construção de sentido a partir da sua relação com a formação do espaço missioneiro. A difusão da cerâmica Tupi-guarani na várzea do Rio Pardo comportou etapas de evolução identificáveis, podendo-se verificar a influência de outras culturas, notadamente da cultura material, inicialmente missioneira e que sofreu, progressivamente, a influência luso-brasileira¹⁰⁰.

A arqueologia missioneira deve ocupar-se, segundo La Salvia, do exame do processo de desvelamento e da preservação do patrimônio histórico, para o que é necessária a intensificação dos trabalhos arqueológicos como fontes da história e esteios da cultura missioneira¹⁰¹. Kern acentua que «a pesquisa científica que visa a reconstrução de um passado missioneiro, através de metodologias e teorias da arqueologia histórica nada mais é do que a construção e a produção de uma memória sociocultural compreensiva e compreensível para o nosso presente».¹⁰²

⁹⁸ Oldemar BLASI, *As ruínas de Vila Rica na Antiga Província do Guairá*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 150-155 e João Adolfo BARENDSE, *Preliminares históricos para a localização das tribos indígenas no Guairá na época das missões*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 155-170.

⁹⁹ Fernando LA SALVIA, *A cerâmica como elementos auxiliar na fixação cronológica*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 217-231.

¹⁰⁰ Pedro Augusto Mentz RIBEIRO, *Cerâmica Tupiguarani do Vale do Rio Pardo e a redução jesuítica de Jesus Maria*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 77-86, Idem, *O Tupiguarani e o Tupi-guarani no sul do Brasil e a redução de Jesus Maria*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 75-106, Idem, *O Tupiguarani no vale do Rio Pardo e a influência missioneira*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 188-206; Idem, *Arqueologia do Vale do Rio Pardo*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 83-86.

¹⁰¹ Fernando LA SALVIA, *A arqueologia nas missões e uma perspectiva futura*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 207-219.

¹⁰² Arno Alvarez KERN, *Arqueologia missioneira*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos*

O quadro dos resultados e das pesquisas arqueológicas em curso acerca dos Trinta Povos Missioneiros permite examinar a problemática da fronteira cultural e de como ela pode ser compreendida a partir das fontes iconográficas originais do século XVIII¹⁰³. Do mesmo modo, os elementos da cultura material, relativos aos metais, ao material de construção, à cerâmica doméstica, entre outros, trazem a luz elementos importantes para a história da ocupação humana do espaço rio-grandense e para a ordenação do espaço missioneiro¹⁰⁴.

12. Depois das missões

A secularização do espaço missioneiro teve repercussões profundas nos povoados das reduções. A concepção de uma administração para os povoados guaranis reduzidos se deu simultaneamente com a expulsão dos jesuítas e teve, na perspectiva de Bucarelli, a intenção de separar os assuntos temporais dos espirituais e limitar a influência dos missioneiros¹⁰⁵. Os desmandos e as confusões, além do deslocamento da mão-de-obra para os interesses da exploração mercantil, foram esvaziando os povoados missioneiros. Os planos de reforma

Missioneiros, op. cit., 1987, 184-194.

¹⁰³ Arno Alvarez KERN, *Arqueologia histórica nas missões guaranis*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1991, 95-102, Idem, *História e iconografia: documentos sobre a missão de São João Batista*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1997, 261-272.

¹⁰⁴ Arno Alvarez KERN, et al, *Trabalhos Arqueológicos na missão Guarani de São Lourenço*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1991, 176-181, Idem, *Material metálico de São Lourenço Mártir e São João Batista*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1991, 9-12, Claudio Baptista CARLE, *Metalurgia como estratégia missioneira*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1994, 479-486, Karla Maria FREDEL, *Primeiros resultados da análise parcial feita com material construtivo do sítio de São João Batista*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1991, 113-116, Alina Salatti de ESCOBAR e Paulo Roberto PEREIRA FRAGA, *Análise interpretativa da cerâmica doméstica do sítio de São João Batista*, *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1991, 169-173, José Otávio Catafesto SOUZA, *Projeto de Cultura material, assentamento, e ambiente natural no sítio missioneiro de São João Batista*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1991, 87-97 e Arno Alvarez KERN, *Notícias prévias sobre a intervenção arqueológica de salvamento na missão de São João Batista*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1989, 280-286.

¹⁰⁵ Ernesto Joaquim A. MAEDER, *A administração econômica das missões*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, op. cit.*, 1989, 124-166.

e os debates travados pela Junta e pelo Conselho das Índias evidenciaram que a questão da liberdade do regime de propriedade e de outras obrigações foi se arrastando até que as guerras pela independência acabaram fracionando o espaço das missões em territórios nacionais, do que resultou a dispersão dos índios¹⁰⁶.

As diferentes realidades, muito em função das situações peculiares de fronteira, contribuíram com variáveis próprias no processo de secularização. Assim, as regras próprias recebidas pelos distritos missioneiros de Chiquitos e Moxos possibilitaram uma certa estabilidade da população de Chiquitos, entre 1768-1830, o que não pode ser observado na dos Guaranis, que tiveram uma tendência declinante¹⁰⁷. Este declínio populacional, notadamente entre 1768-1807, teve forte relação com as fugas e a mortalidade¹⁰⁸.

Da ação dos novos estados nacionais emergentes sobre o espaço missioneiro resultou um conjunto de guerras e disputas pelo controle do território, que culminaram com a destruição definitiva dos povoados¹⁰⁹. A Campanha das Missões, de 1828, promoveu um novo êxodo e a dispersão dos Guaranis missioneiros, que não mais conseguiram se organizar em povoados duradouros no território uruguaio e na mesopotâmia da Argentina, fazendo com que fossem incorporados às novas sociedades rio-platenses¹¹⁰. Entre os anos 1820 a 1862 foram fundados e desapareceram na Banda Oriental do Uruguai cinco povoados, cuja origem pode ser associada aos remanescentes do ciclo missioneiro, em virtude da preservação dos costumes e práticas herdadas das missões. Seus habitantes eram portadores de uma dupla experiência cultural: a autóctone e a assimilada nas missões jesuíticas. Além de contribuírem com a definição do território e com a mestiçagem étnica e cultural, aos Guaranis são tributados

¹⁰⁶ Idem, *Um debate tardio sobre a liberdade dos guaranis das missões*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 194-207.

¹⁰⁷ Ernesto Joaquim A. MAEDER, *As missões de Chiquitos na etapa pós-jesuítica*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 273-296.

¹⁰⁸ Ernesto Joaquim A. e Alfredo S. C. BOLSI, *A população das Missões depois da expulsão dos Jesuítas*, in *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1981, 127-155.

¹⁰⁹ Ernesto Joaquim A. MAEDER, *Os últimos povoados de índios guaranis: Loreto e São Miguel*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 156-172.

¹¹⁰ Luís Rodolfo GONZÁLEZ RISSOTTO, e S. R. VARONESE, *Campanha das Missões, de 1828, e a desintegração dos Sete Povos*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 208-230.

com a incorporação de atividades produtivas, elementos lingüísticos, crenças, costumes e tradições no longo processo de formação da sociedade uruguaia¹¹¹. Alguns povoados, a exemplo de São Borja del Yi (1833), surgiram em função da Vacaria do Mar¹¹².

O aporte sociocultural Guarani na formação da sociedade uruguaia tem suas raízes fincadas no longo processo histórico, que vai do Guarani pré-histórico do Prata ao índio vaqueiro da Vacaria do Mar, ou das estâncias missioneiras, passando pelo desertor das missões e pelos grupos que serviam de mão-de-obra nas conquistas territoriais¹¹³.

As tramas dos índios missioneiros com a dissolução das reduções e as suas migrações exigiam deles um amplo processo de readaptação¹¹⁴.

Vários foram os movimentos políticos que se projetaram sobre o espaço missioneiro e que tiveram as mais diferentes repercussões sobre o re-povoamento¹¹⁵. No sul do Brasil o processo de apropriação das terras das missões, apesar dos conflitos, era entendido, pelo segmento hegemônico da sociedade rio-grandense, como possibilidade de saída do atraso econômico¹¹⁶. A colonização e a integração das terras das missões às fronteiras agrícolas representou a destruição do espaço do índio, que foi reduzido a reservas. Nas novas frentes

¹¹¹ Luís Rodolfo GONZÁLEZ RISSOTTO e Susana Rodriguez Varese de VARONESE, Luís Rodolfo GONZÁLEZ RISSOTTO, *Los últimos pueblos de guaraníes en la Banda Oriental de Uruguay entre los años de 1820 y 1862*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1989, 203-235, Idem, *O processo de aculturação dos guarani-missioneiros na sociedade uruguaia*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 97-116.

¹¹² Leonel CABRERA PÉREZ, e Maria del Carmen CURBELO, *São Borja del Yi un establecimiento misionero em território uruguaio*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 167-182.

¹¹³ Leonel CABRERA PÉREZ, e Maria del Carmen CURBELO, *Aspectos sócio-demográficos da influência guarani no sul da Antiga Banda Oriental*, in *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1987, 117-141.

¹¹⁴ Erich L. W. POENITZ, *A dispersão dos guarani-missioneiros na área meridional*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 182-186, Aldred J. Erich POENITZ, *A dissolução das missões argentinas – 1819 a 1827*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 188-189, Teófilo Otoni Vasconcelos TORRONTÉGUY, *A Readaptação das famílias missioneiras migrantes*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 311-320.

¹¹⁵ Jorge Francisco MACHÓN, *Projetos de re-povoamento dos quinze povos missioneiros – 1820 e 1821*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 556-572.

¹¹⁶ Paulo ZARTH, *A região Missioneira após as missões*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 458-471.

de colonização, o índio, além de marginalizado, foi excluído do discurso da integração das fronteiras agrícolas¹¹⁷.

13. Índios sobreviventes e a questão indígena

Os índios dispersos das missões, por não reencontrarem o seu espaço comunitário, e as parcialidades chamadas de infieis no tempo das reduções resistiram, de certo modo, à tentativa de integração nas sociedades nacionais. Este comportamento teria motivado a origem de uma consciência antiindígena em geral entre os espanhóis e os crioulos¹¹⁸.

A desconstrução do espaço missioneiro desqualificou os índios das reduções e reduziu as diferentes culturas nativas ao trato comum das políticas de Estado. Diferentes órgãos e entidades passaram a atuar sobre e em meio ao índio tendo como referência basilar a sociedade nacional¹¹⁹.

Pelo aldeamento em postos controlados pelo Estado, os índios sobreviventes sofreram toda a sorte de manipulação política e os impasses da assistência oficial, vivendo situações de verdadeiro abandono no sul do Brasil¹²⁰. Diante disso, a ação missionária das diferentes confissões religiosas passou a formular propostas de educação e de evangelização¹²¹, que não surtiram efeito, uma vez que não conse-

¹¹⁷ Valdir GREGORY, *A colonização da zona norte do Rio Grande do Sul e a questão do índio*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 148-155 e Idem, *Remanescentes indígenas, terras e colonização*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 437-446.

¹¹⁸ Luis Rodolfo González RISSOTTO e Susana Rodriguez VARESE, *Os guaranis e a questão indígena*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1997, 243-260.

¹¹⁹ Egon Dionísio HECK, *Os Guarani no Brasil hoje*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 139-141 e Lígia SIMONIAN, *Proteção indígena estadual*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 228-263.

¹²⁰ Sílvio Coelho dos SANTOS, *Índios sobreviventes do Sul do Brasil*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 118-138, Wilmar da Rocha D'ANGELIS, *Os povos indígenas no sul do Brasil*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1979, 264-278.

¹²¹ Hugo Antônio VEIT, *As missões depois das missões*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 128-147, Roberto ZWETSCH, *Os luteranos e o desafio das comunidades indígenas*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1991, 59-77, Breno A. SPONCHIADO, *A redução dos Kaingang em aldeamentos no Rio Grande do Sul*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 107-135.

guiram evitar o choque dos deuses e restabelecer o espaço onde os índios pudessem produzir o seu modo de ser¹²². Assim como os Guarani e os Kaingang do sul do Brasil, os Kaiowás, da Reserva Francisco Horta Barbosa, de Dourados, também empreenderam ações reativas diante das interpelações cristãs contemporâneas¹²³.

No tempo das missões jesuítico-guaranis, pode-se dizer que as reduções representaram um espaço de garantia de acesso e posse da terra, num regime de economia mista¹²⁴. O mesmo não pode ser dito de forma genérica em relação à postura dos missionários contemporâneos frente à defesa do território indígena. Há, entre eles, os que contribuem com o processo de expropriação das terras indígenas¹²⁵. Os Guarani – Mbyás – dão sinais de uma luta incessante para a definição de novos *tekoás* no Rio Grande do Sul, o que lhes permitiria a sobrevivência como povo¹²⁶.

A questão indígena, enquanto dilema que arrasta mal entendido historicamente, é um complexo campo empírico, que, entre descompassos de discursos identitários e entre história e memória social, comporta diferentes identidades e requer um tratamento a partir da perspectiva do interacionismo simbólico¹²⁷.

14. Historiografia e documentos para a história das missões

A pesquisa do passado missionário deve sempre partir de problemas específicos, libertar-se de tipologias limitadas e insuficientes e ancorar-se em referenciais teóricos e metodológicos que permitam ampliar a noção e reconstruir, inclusive, fatos conjunturais e de longa duração, para que a História não seja

¹²² Lúcio Paiva FLORES, *Missionarização sob o olhar indígena*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 214-221.

¹²³ José Carlos Sebe Bom MEIHRY, *Missionarismo e ética*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 11-27.

¹²⁴ Júlio Ricardo Quevedo dos SANTOS, *Os guarani-missionários e a luta pela terra*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 121-150.

¹²⁵ Lígia SIMONIAN, *As missões e as terras indígenas no Rio Grande do Sul*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 78-100.

¹²⁶ Carlos Augusto da Rocha FREIRE, *Terras indígenas Guarani-Mbyás: a ação indigenista e estratégias contemporâneas de sobrevivência de um povo*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 101-112.

¹²⁷ José Otávio Catafesto SOUZA, *Autoctonia (re)velada*, in *Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1997, 163-196.

refém da visão episódica ou dos mitos da totalidade¹²⁸. Em base a esta hermenêutica, a investigação do processo histórico missioneiro e a dialética da duração merecem um criterioso exame historiográfico, para que os estigmas possam ser removidos e o caminho do conhecimento histórico possa ser aberto.

O esforço de reunir obras de referência para o estudo das missões jesuíticas com os Guaranis¹²⁹ encontrou elaboração maior na construção da síntese crítica em base aos referenciais teórico-metodológicos acerca dos trabalhos compilados nos cinco primeiros Anais dos Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros¹³⁰.

A revelação das fontes existentes quer nos Arquivos da Memória Nacional, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, quer nas bibliotecas de Assunção, na Biblioteca Ruiz de Montoya, da Companhia de Jesus, ou reclamados por José Sebastião Witter como essenciais para a preservação da memória e patrimônio espiritual do Brasil e da humanidade, abriu novos horizontes e aproximou pesquisadores em torno da problemática missioneira¹³¹.

A exploração das fontes permite diferenciadas leituras, iluminadas por referenciais teóricos próprios. A obra monumental de Montoya foi tema central do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros e mereceu ampla atenção dos antropólogos, lingüistas e historiadores. Do exame da sua trajetória existencial à sua obra escrita, os ensaios procuram fornecer subsídios para a leitura e interpretação da sua produção literária¹³². Maeder destaca a *Conquista Espiritual*

¹²⁸ Arno Alvarez KERN, *Problemas teórico-metodológicos relativos à análise do processo missioneiro*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 27-42.

¹²⁹ Eliezer PACHECO, *Bibliografia Missioneira*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1975, 167-190.

¹³⁰ Erneldo SCHALLENBERGER, *Indicações para a historiografia Missioneira*, in *Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1983, 9-26.

¹³¹ Heloísa Liberalli BELLOTTO, *Documentação missioneira no Instituto de Estudos Brasileiros da USP*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 198-217, Rosemarie Erika HORCH, *Fontes bibliográficas existentes no Instituto de Estudos Brasileiros da USP*, in *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1977, 218-240, Leila Massare de ACUÑA, *Catálogo de documentos públicos sobre missões jesuíticas*, VII, 264-279, Ibid, *Documentos sobre jesuítas existentes na Biblioteca Ruiz de Montoya, da Companhia de Jesus*, in *Anais do VIII Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, 287-294 e José Sebastião WITTER, *Os Estudos Missioneiros e os Arquivos da Memória Nacional*, in *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1994, 360-372.

¹³² Artur RABUSKE, *Vida e obra*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 43-56 e Idem, *Subsídios para a leitura da Conquista espiritual de Montoya e seu legado para as missões*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, op. cit., 1985, 73-84.

como fonte imprescindível para o estudo do processo missionário¹³³. Assim como a *Conquista Espiritual*, os *Memoriais* representam, para Meliá, fonte nuclear para o estudo da defesa da liberdade dos índios¹³⁴.

A importância de Montoya para o desenvolvimento econômico das reduções encontra expressão nas estratégias usadas nas missões do Guairá para sanar os desequilíbrios entre necessidades e recursos. A ruptura com o sistema de encomendas representou, enquanto possibilidade de autonomia dos indígenas das missões e assunção do controle sobre os caciques, a possibilidade dos missionários exercerem influência sobre as mudanças nas relações de produção, promovendo a profissionalização e a divisão do trabalho¹³⁵.

O *Tesoro y Vocabulário* de Montoya, enquanto fonte etnográfica, permite que, através da exploração dos termos, se possa construir relações capazes de um entendimento mais profundo do modo-de-ser guarani¹³⁶. Da mesma forma, a obra é referência importante para a etnoarqueologia Guarani pré-histórica e moderna¹³⁷.

Assim como a obra de Antônio Sepp constitui fonte de importância para o estudo das artes e do cotidiano das reduções jesuíticas, as vertentes historiográfica e cartográfica encontram referências preciosas em Diogo Soares, que persegue o sentido da guerra sob o ponto de vista ético e filosófico¹³⁸. Além das fontes históricas, as obras literárias revelam um valor criativo para a história, que, mesmo não refletindo a verdade histórica, refletem uma leitura de época, o que é importante para compreensão dos fatos¹³⁹.

¹³³ Ernesto Joaquim A. MAEDER, *A conquista espiritual de Montoya e seu legado para as missões*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1985, 57-72.

¹³⁴ Bartolomeu MELIÁ, *Os primeiros memoriais de Montoya em Madrid*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1985, 85-89.

¹³⁵ Rafael CARBONELL, *Contribuição de Ruiz de Montoya para o desenvolvimento econômico das reduções*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1985, 91-118 e Regina Maria d'Aquino Fonseca GADELHA, *Montoya e as relações e produção nas missões*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1985, 119-132.

¹³⁶ André Luis R. SOAREZ, *Sistema de parentesco guarani*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1991, 190-211.

¹³⁷ Francisco Silva NOELLI e Beatriz LANDA, *Tesoro y Vocabulário de Antônio Ruiz de Montoya*, in *Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1991, 212-219.

¹³⁸ Dalton SALA JR., *Diogo Soares: cartógrafo e arquiteto*, in *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1994, 373-400.

¹³⁹ Moacyr FLORES, *Poema o Uruguai, de Basílio da Gama*, in *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1985, 183-192 e Moarci Mathews SEMPÉ, *Uruguai – um estudo etimológico*, in *Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, op. cit., 1979, 107-119.

15. Conclusão

Os estudos missioneiros revelam tendências que foram se consolidando, ao longo do tempo, em programas de pós-graduação e em linhas de pesquisa que reforçaram a análise historiográfica e deram centralidade à problemática missioneira a partir da perspectiva histórica de longa duração e da análise conjuntural. O diálogo da História com a Arqueologia, a Etnologia e com a Etnografia, enriqueceu a Etnohistória e a História Demográfica. Os temas transversais e a abordagem multidisciplinar focaram, sobretudo, o espaço missioneiro enquanto lugar de aplicação da antropologia, da linguística, da arquitetura e da arte, da arqueologia, da geografia e da história.

O espaço missioneiro é representado muito mais em vista das pessoas e dos povoados indígenas reduzidos do que de um domínio territorial. No contexto da colonização, o poder dos jesuítas residia, sobretudo, na ação evangelizadora e na ascendência sobre os indígenas e se projetava na direção da organização das comunidades e do espaço eclesial. Neste sentido, Meliá firmou a chave de leitura de experiência missioneira, focando as reduções como um espaço de assunção ou de potencialização das realidades culturais Guaranis. Kern abriu caminho para o exame das missões jesuítico-Guaranis enquanto obra de circunstâncias numa situação de fronteira, originada de uma efetiva adaptação da legislação e dos costumes espanhóis à cultura dos Guaranis. Deriva daí um veio interpretativo que desacredita falsos modelos e entende que a utopia missioneira existiu inscrita no processo histórico que a criou, uma vez que, ao pretender para os indígenas Guaranis um espaço de liberdade no mundo colonial ibero-americano, estas povoações transformaram-se numa utopia.

